



O Governo Oculto

Pelo Prof. Dr. R. D. Pizzinga, 7Ph.D. (*)
Membro dos Iluminados de Kemet

<http://ordoilluminatorum.net/>

A utopia de um Governo Mundial de Unidade, de uma sociedade ideal fundamentada em leis fraternas, mas justas, e em instituições político-econômicas verdadeira e exclusivamente comprometidas com o bem-estar da coletividade é o sonho de todos os Iniciados e de todas as Fraternidades Místicas. Mas, será isso apenas um sonho? Ou será uma utopia possível que haverá de se realizar para a Humanidade, com a Humanidade e apesar de uma parte ponderável da Humanidade que dela não poderá ainda participar?

Introdução

GOVERNO Oculto do Mundo é um tema que envolve acordadamente os Mundos ou Reinos Interiores ou Subterrâneos, o Rei do Mundo ou Senhor dos Três Mundos – *Manu* ou *Brâhatmah* – o Governo Sinárquico, Oculto ou Interno do Mundo – *AGaRTha* ou *AGaRThi* com sua sede em *Shamballah*, o *Sanctum Sanctorum* da Terra – é e continua sendo obscuro e polêmico, secreto e sagrado, ainda que alguns místicos tenham se pronunciado sobre essa intrincada matéria, como foi o caso, por exemplo, de Helena Petrovna Blavatsky (1831-1891), Saint-Yves D’Alveydre (1842-1909), Annie Besant (1847–1933), Stanislas de Guaita (1861-1897), Ferdinand Ossendowski (1876-1945), Nicholas Roerich (1874-1947), Henrique José de Souza (1883-1963), René Guénon (1886-1951), Raymond Bernard (1923-2006) e outros. *AGaRTha* representa o corpo e *Shamballah* é a cabeça. São conhecidas dos Mestres e Membros da Grande Fraternidade Branca com o nome de *Sudha-Dharma-Mandalam* (*Sudha* significa pureza, *Dharma*, Lei e *Mandalam*, Fraternidade). A Profecia do Rei do Mundo, divulgada no ocidente por Ferdinand Ossendowsk, afirma categoricamente:

O Houtouktou de Narabanchi contou-me o que segue quando o visitei no seu Mosteiro, em princípios de 1921:

Quando o Rei do Mundo apareceu aos Lamas, favoritos de Deus, no nosso Mosteiro, há uns trinta anos, fez a seguinte profecia:

Os homens, cada vez mais, esquecerão as suas almas para se ocuparem apenas dos seus corpos. A maior corrupção vai reinar sobre a Terra. Os homens assemelhar-se-ão a animais ferozes, sedentos do sangue dos seus irmãos. O Crescente apagar-se-á, caindo os seus adeptos na mendicidade e na guerra perpétua. Cairão sobre eles as maiores desgraças e acabarão por digladiar-se entre si. As coroas dos reis, grandes e pequenos, cairão – um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito... Eclodirá uma terrível guerra entre todos os povos. Os oceanos rugirão... a Terra e o fundo dos mares cobrir-se-ão de ossadas... desaparecerão reinos,

morrerão povos inteiros... haverá fome, doença e crimes não previstos nas leis, nem vistos e nem sonhados ainda pelos homens. Virão, então, os inimigos de Deus e do Espírito Divino – os quais jazem nos próprios homens. Aqueles que levantarem a mão sobre o outro também perecerão. Os esquecidos e os perseguidos erguer-se-ão depois e atrairão a atenção do mundo inteiro. Haverá espessos nevoeiros e tempestades horríveis. Montanhas, até então escalvadas, cobrir-se-ão de florestas. A Terra toda tremerá... Milhões de homens trocarão as correntes da escravidão e as humilhações pela fome, pela peste e pela morte. As estradas encher-se-ão de uma multidão de pessoas caminhando ao acaso, de um lado para outro. As maiores, as mais belas cidades, desaparecerão pelo fogo... Uma, duas, três. O pai erguer-se-á contra o filho, o irmão contra o irmão, a mãe contra a filha. O vício, o crime, a destruição dos corpos e das almas seguir-se-ão a tantas calamidades... As famílias serão dispersas... A fidelidade e o amor desaparecerão... Por cada dez mil homens sobreviverá um... o qual ficará nu, destituído de todo o entendimento, sem forças para construir sua habitação ou procurar alimentos. E esses homens sobreviventes uivarão como lobos ferozes, devorarão cadáveres e, mordendo a sua própria carne, desafiarão a Deus para combate. A Terra toda ficará deserta e até Deus fugirá dela. Sobre a Terra vazia cairá a noite e a morte. Então, Eu enviarei um povo, desconhecido até agora, o qual, com mão forte, arrancará as más ervas da loucura e do vício, e conduzirá os poucos que restam fiéis ao Espírito do Homem na batalha contra o mal. Fundarão uma nova vida sobre a Terra purificada pela morte das nações. Dentro de cinquenta anos que se seguirão somente três grandes reinos aparecerão vivendo felizes durante setenta e um anos. Em seguida, haverá dezoito anos de guerra e de destruição. Então os povos de AGARTHI sairão das suas cavernas subterrâneas e aparecerão na superfície da Terra.

Contudo, se existe(m) mundo(s) subterrâneo(s) e uma AGaRTha-Shamballah, eles são parte de um segredo Iniciático muito bem guardado e muito bem protegido dos curiosos e dos profanos; tudo que se possa especular ou presumidamente pensar saber sobre o

assunto não passa, para a imensa maioria da Humanidade, apenas, de uma leve sombra do extenso véu que encobre a sua presuntiva e indevassável possibilidade-realidade.

Quero deixar absolutamente claro que não há qualquer mérito pessoal na preparação deste desprezioso ensaio; ele se resume a uma pesquisa bibliográfica, não contendo nenhum fato novo que possa ser qualificado de original ou de natureza inspirativa. Contudo, para quem não conhece o assunto, servirá como uma fonte preliminar de informação. Para quem já conhece, talvez, uma informação nova possa aparecer aqui ou ali.

Porém, antes de concluir esta introdução, devo esclarecer que não posso admitir um mundo deixado exclusivamente à sua própria sorte, pois, se assim tivesse sucedido, talvez, ainda estivéssemos no período mais antigo da Pré-História, isto é, na Idade da Pedra Lascada ou Período Paleolítico. Não que haja, segundo compreendo, alguém ou um grupo de seres, em algum lugar, com cordéis manipulando facultativamente ou sem um fundamento lógico os desígnios da Humanidade, pois, se assim fosse, de que serviria o livre arbítrio? Se assim fosse, ainda, de que serviria a própria encarnação? Isso seria a mesma coisa que uma mãe que continuasse a dar de mamar a seu filho de mamando a caducando, ou seja, do nascimento à idade madura. Mas, sim, por outro lado, um Colegiado Supremo de uma dimensão vibratória superior à da própria Terra influenciando positivamente na História da Humanidade, isso eu não posso deixar de concordar. E muitos são os exemplos e muitas têm sido as manifestações de Integrantes desse Sagrado Colégio. Os diversos movimentos Místico-Esotérico-Iniciáticos, particularmente os que embalam as Fraternidades Rosacruz há muitos séculos, são confirmações desse entendimento. Nas esferas científica, literária, política e religiosa também se podem notar essas Santas Presenças.

180° à esquerda há um outro Grupo Negro tentando fazer exatamente o oposto. Para os seus integrantes, a regra do tanto mais cerceador e tanto mais usurpador melhor é o que prevalece. Mas, como a Humanidade não está só nem desacompanhada, as

forças das trevas não prevalecerão sobre ela. Só se ela deixar; só se ela quiser. Precisamos, portanto, trabalhar e orar muito para que isso não venha jamais a ocorrer.

1. Mundos de Blavatsky

MADAME Blavatsky, em sua *Doutrina Secreta*, menciona a existência de outros mundos que existem além na crosta terrestre. Particularmente, em *Ísis Sem Véu*, afirma: *Diz a Tradição e explicam os registros do Grande Livro [Livro de Dzyan], que muito antes da época de Ad-am [Unidade e Universalidade] e de sua mulher He-va [a Mãe de tudo quanto vive], onde atualmente só se encontram lagos secos e desolados desertos nus, havia um vasto mar interior que se estendia sobre a Ásia Central ao norte da soberana Cordilheira do Himalaia e de seu prolongamento ocidental. Uma Ilha – [Ilha imperecível que nenhum cataclismo pode destruir] –, que por sua inigualável beleza não tinha rival no mundo, era habitada pelos últimos remanescentes da raça que precedeu a nossa. Essa raça podia viver com igual facilidade na água, no ar ou no fogo, pois possuía um controle ilimitado sobre os elementos. Eram os ‘Filhos de Deus’ – os verdadeiros Elohim [ALHIM], embora na Cabala [KaBaLa] oriental tenham um outro nome. Foram eles que ensinaram aos homens os segredos mais maravilhosos da Natureza e lhes revelaram a Palavra Inefável [Verbum Dimissum ou Verbum Inenarrabile] e atualmente Perdida [não para os agarthianos, segundo Saint-Yves].*

*Essa Sagrada Palavra, que não é uma palavra, percorreu o Globo e ressoou como um remoto eco no Coração de alguns homens privilegiados [Privilégio pelo Mérito]. Os Hierofantes [Iniciados na ciência do bem e do mal deste mundo] de todos os Colégios Sacerdotais estavam a par da existência dessa Ilha, mas a Palavra Inefável era conhecida apenas pelo Yava-Aleim [Brâhatmah] ou Mestre Principal de todos os Colégios [que compunham o Colégio Sacerdotal conhecido como Colégio Aleim], que a passava ao seu sucessor apenas no instante da morte. Havia vários de tais Colégios, e os antigos autores clássicos fazem menção a eles. Em outros passos, revela Blavatsky: *Conta a Tradição – e a Arqueologia aceita a veracidade da lenda – que atualmente há**

mais de uma cidade florescente na Índia construída sobre várias outras, constituindo, assim, uma verdadeira cidade subterrânea com seis ou sete pisos. Delhi é uma delas; Allahabad é outra. Vêem-se exemplos semelhantes na Europa, como em Florença, que está edificada sobre diversas cidades mortas, etruscas e outras... As ruínas que cobrem as duas Américas, e que se encontram em muitas ilhas das Índias Ocidentais, são todas atribuídas aos atlantes submersos. Assim como os Hierofantes do Mundo Antigo, o qual, ao tempo da Atlântida, estava unido ao Novo por terra... a nação atualmente submersa dispunha de uma rede de passagens subterrâneas que corriam em todas as direções... Os membros de várias Escolas Esotéricas – cujo centro está situado além do Himalaia e dos quais se podem encontrar ramificações na China, no Japão, no Tibete e até mesmo na Síria, como também na América do Sul – afirmam que têm em seu poder a soma total das obras sagradas e filosóficas, manuscritas ou impressas, enfim, todas as obras que têm sido escritas nas diversas línguas ou caracteres, desde os hieróglifos ideográficos até o Devanagari...

2. Outras Versões Místicas

S AINT-YVES, por sua vez, afirmou: ... *barreiras invisíveis parecem interditar aos profanos o acesso a Agartha* [Mundo ainda inacessível e inviolável – morada da paz] *apesar dos pontos de contato e dos itinerários secretos que permitem chegar até Ela. Assegura-se que só conseguem chegar até Ela aqueles que, por si mesmos, alcançaram o nível vibratório que permite o ingresso nas zonas proibidas* [e eletromagneticamente protegidas].

E Ossendowski, em concordância com Saint-Yves, registrou: *O povo subterrâneo de Agartha alcançou o mais alto saber. É um grande reino que conta com milhões de indivíduos sobre os quais exerce o seu poder o Rei do Mundo* [a mais alta forma de Consciência Cósmica na Terra e oriundo de sistemas solares distantes e desconhecidos]. *Esse soberano conhece e dispõe livremente de todas as forças da Natureza, lê em todas as almas humanas e no grande Livro do Destino. Esse reino estende-se através de corredores e galerias subterrâneas que abarcam todo o globo terráqueo. Na superfície e nas entranhas da Terra, a extensão real de Agartha desafia todas as pressões da violência e da profanação.*

Nicholas Roerich escreveu textualmente em seu livro *Shambala: Shambala existe aqui na Terra e tudo pode ser alcançado aqui na Terra. O ensinamento de Shambala é vital. É concebido às encarnações terrestres e pode ser aplicado sob quaisquer condições humanas.*

Já a Sociedade Brasileira de Eubiose, instalada 1924 em São Lourenço, Minas Gerais, tem como lema: *Spes Messis in Semine* – A esperança da colheita está na semente. A Sociedade Brasileira de Eubiose, fundada pelo Professor Henrique José de Souza, é uma Escola Iniciática de caráter cultural e Espiritualista que ensina os meios de vivência consciente com as Leis da Natureza, e, conseqüentemente, com as Leis Universais, através do autoconhecimento, do progresso e da evolução. Admitem seus

membros a existência de mundos subterrâneos e de um forte elo energético que une sete cidades da região sul mineira, entre elas São Thomé das Letras e Airuoca. São Lourenço é o Centro Espiritual dessa região. Mas, segundo a Tradição, ao longo das eras, esse Reino Subterrâneo teria se expandido sob toda a superfície da Terra, com centros imensos sob as montanhas de Santa Catarina (no Brasil), sob o Saara, sob o Yucatan (no México), sob o Monte Shasta (na Califórnia), e ainda na Inglaterra, no Egito e na Tchecoslováquia. Segundo o Professor Henrique José de Souza, a Pedra da Gávea, no Rio de Janeiro – semelhantemente à Esfinge da Grande Pirâmide no Antigo Egito – era, em passado remoto, um grande Templo formado por grandes salões e uma infundável rede de comunicações internas com todos os Centros Iniciáticos e Sagrados do mundo, e continua conectada com os chamados mundos subterrâneos e com *Shamballah*.

3. A Sinarquia

JÁ René Guénon, em sua obra *O Rei do Mundo*, registrou: *O Rei do Mundo ... é o Manu – esse homem vivo que é Melki-Tsedeq – é Manu que continua, com efeito, perpetuamente, isto é, por toda a duração do seu ciclo (Mânvântâra), ou do mundo que ele rege especialmente. É por isto que Ele não tem genealogia, porque a sua origem é não-humana, visto que Ele próprio é o protótipo do homem. E realmente Ele foi feito à semelhança do Filho de Deus, visto que, pela Lei que formula, é para esse mundo a expressão e a própria imagem do Verbo Divino.*

Stanislas de Guaita, anteriormente a René Guénon, também já especulara sobre essa matéria. Escreveu: *a forma ideal de Governo é a que se denomina Sinárquica, isto é, em harmonia com os princípios eternos [Unidade]. A administração de cada país seria confiada a três Colégios de especialistas: os Doutrinadores ou docentes (Conselho das Igrejas), os Legisladores ou juristas (Conselho dos Estados) e os Notáveis ou economistas (Conselho das Comunidades). Isso se aplica à Sinarquia nacional. Por outro lado, três Conselhos hierarquicamente superiores, mas essencialmente em correspondência com aqueles, seriam encarregados da administração central da Sinarquia européia. Cada nação, assim, conservaria a sua autonomia, gerindo os seus próprios assuntos, enquanto a grande assembléia de civilização geral zelaria pela gestão equitativa dos interesses comuns. O Equilíbrio Europeu, esta quimera do passado, converter-se-ia, então, em uma realidade no futuro, e isso significaria o advento do reino messiânico sobre a Terra. Essa é, substancialmente, esta teoria magnificamente cabalística. Pois, segundo a Lei de Hermes, as coisas que estão embaixo devem ser análogas às que estão em cima; o Microcosmo, portanto, reproduzindo um Macrocosmo em miniatura. Ora, espelho da própria Divindade, a Humanidade, tríplice e una, seria regida pelo ternário e marcada, pela adição de sua unidade específica, pelo signo do quaternário.*

O próprio reconhecido místico Victor Blanchard (1878-1953), que foi entre as duas Guerras Mundiais o Soberano Grão-Mestre da Ordem Martinista e Sinárquica, adotou para a Ordem o epíteto Sinárquica aspirando *influenciar o curso dos eventos políticos através de suas atividades ocultas e por sua disseminação dos ideais da Sinarquia*, que, em última análise, representa e simboliza um Governo baseado na Unidade. Victor Blanchard (Sar Yesir), em 1934, foi designado como um dos três Imperadores da *Fédération Universelle des Ordres et Sociétés Initiatives* (FUDOSI), com jurisdição especial sobre o Martinismo e países do Oriente, juntamente com Émile Dantinne (Sar Hieronymus) – Imperator para a Europa – e Harvey Spencer Lewis (Sar Alden) – Imperator para as Américas. Este foi o primeiro Triângulo Supremo da FUDOSI. Em setembro de 1939, este Supremo Triângulo passou a ser constituído pelos Imperadores Émile Dantinne, Augustin Chaboseau e Ralph Maxwell Lewis (este em substituição a seu pai que havia passado pela Transição).

4. Iniciados de Agarthá

ENFIM, esses poucos registros revisitados sublinham e a Tradição oral informa que os seres que habitam Agarthá possuem todas as forças conhecidas e desconhecidas, visíveis e invisíveis, concebíveis e inimagináveis, da Terra, e tudo podem fazer pelo bem e pelo progresso e pela vida e pela evolução dos homens. Segundo consta, os seres agarthianos são detentores de um conhecimento que faria com que os mais proeminentes cientistas da Terra se sentissem envergonhados como crianças ignorantes. Eles, de acordo com o que está divulgado, podem mudar os continentes em oceanos, ressecar os mares e os lagos ou transformar as montanhas e os mares em desertos. Podem fazer brotar árvores, sebes e grama onde não exista vegetação; sabem e podem transformar em jovens fortes os homens velhos, doentes e fracos, e podem, ainda, segundo as lendas, entre outras maravilhas, ressuscitar os mortos. Em Agarthá foram feitas todas as *demonstrações experimentais possíveis da existência da alma, tanto no vivente quanto após a cessação da vida corporal*. Por que, então, não ajudam os terráqueos? Saint-Yves em sua *Missão da Índia na Europa...* detalhadamente explica todos os entraves ainda intransponíveis para que essa ajuda possa ser efetivada.

Artigo primeiro: É proibido impor conhecimento e Sabedoria a quem quer que seja.

Parágrafo primeiro: O Conhecimento Virtuoso e a Sabedoria Universal só podem derivar da Iniciação, que só é concedida a quem merece e humildemente sabe pedi-La.

Parágrafo segundo: Para os Altos Iniciados agarthianos, é considerado proibido entregar ao mundo exterior determinados tesouros de Ciência, que só serviriam para dar aos Irmãos das Sombras uma força incalculável.

Mas, basicamente, tudo é decorrência do egoísmo e da anarquia em que está mergulhada a nossa Humanidade. Guerras e sangue... Sangue e guerras... Se, por outro lado, eles – os agarthianos –

aparecessem por aqui para nos ajudar, talvez fossem trucidados. Pois, se até hoje não compreendemos que no *princípio* era a Potência da Manifestação criadora (*Verbum Dimissum et Inenarrabile*), e Ele – os Deuses – era a Palavra, como poderemos ser auxiliados pelos que sabem e que conhecem essa mesma Palavra, Perdida para nós, mas não para eles?

Mas, devo esclarecer: o que eu conheço desse assunto controverso é tão-só o resultado de leituras e pesquisas que fiz sobre o tema; portanto, este ensaio não foi orientado nem supervisionado de nenhuma forma por nenhum Dirigente mundial ou Alto Iniciado, como também não recebi qualquer determinação explícita ou superior para escrever sobre ele. Logo, ainda que eu tenha rogado por uma inspiração mística para não cometer erros nas especulações-reflexões que se seguirão, meu entusiasmo criador, turvado pela minha ignorância, poderá conter equívocos de interpretação, pelos quais peço, preliminarmente, desculpas. Todas as fontes de consulta, ainda que incompletas, estão listadas ao final.

5. O Fogo do Impulso

TEMEM a morte aqueles que temem perder o que não possuem pensando possuir. Temem as trevas aqueles que precisam se esconder por terem agido de modo impróprio, delituoso, criminoso ou moralmente incorreto. Por isso, não posso discordar de Saint-Yves d'Alveydre quando no prefácio de sua *La Mission de l'Inde en Europe, la Mission de l'Europe en Asie, la Question du Mahatma et sa Solution*, afirmou: *Por mais felicidade que Deus possa conceder neste mundo, qualquer Iniciado sabe que a morte é um indizível gozo da alma – a maior voluptuosidade que ela pode sentir.* Mas isso não é mesmo para todos. Corruptores e corruptos tremem só de ouvir falar em morte.

Revisitando o pensamento de Nicholas Roerich, copio: *Como é importante preservar o Fogo do impulso! Sem esse estímulo não podemos impregnar a base, o alicerce, com as melhores potencialidades. As forças aplicadas no início se multiplicam pela ação do Fogo do impulso. É necessário, portanto, tentar multiplicar as Forças da Fonte Primeira. Em toda construção é preciso observar a harmonia e o dimensionamento, pois, para impregnar nossos começos é preciso dimensionar as medidas dadas com as aplicadas. Fogo e impulso sustentam a vida em cada começo. Sem eles, os inícios perdem sua vitalidade. Por isso, esforcemo-nos para alcançar o Fogo retificador oferecido pelo Senhor. Só assim será possível alcançar a saturação ardente. Sim! Sim! Sim!*

Não! Não! Não! Não temem a morte e nem as trevas aqueles que não temem perder o que, um dia, pelo mérito, começaram a construir de Bom e de Belo. Aquelos Dignos Andarilhos que se puseram em Caminho e em contato com a Voz Insonora de seus Corações não temem a morte porque morreram para a vida e Nasceram para a Eterna Vida. Como escreveu Saint-Yves, o Sol jamais se deita para aquele que, pela Iniciação, entrou no Reino de Deus. Do Deus de seu Coração. Seria esquizofrênico admitir

que, em um certo sentido, confiantes, esses Sinceros Iniciados aguardam mesmo pela morte para entrar na Vida?

6. Pensamento D'Alveydreano

H *Á que se constituir – acima das nossas nações, dos nossos governos, qualquer que seja a forma – um governo geral, puramente científico, emanado das nossas próprias nações, que consagre tudo o que constitui a sua vida interior.* (Saint-Yves d'Alveydre).

Joseph Alexandre Saint-Yves nasceu em Paris no dia 26 de março de 1842, à uma e meia da manhã. Com Frederico Augusto de Metz aprendeu: *Tudo pela liberdade, nada pelo constrangimento.*

Em 1882 escreveu: *Missão dos Soberanos e Missão dos Operários.* Na *Missão dos Soberanos* apresenta de forma inédita seus conceitos sociológicos através da sua idéia de *Sinarquismo* ou *Sinarquia*. Esta *Missão* era dedicada à história da Era Cristã. Aos olhos de Saint-Yves a vontade popular traduz apenas os sentimentos e as reações instintivas da massa social; o poder não deve ser confundido com Autoridade, que é só espiritual e não pode ser de ordem material.

Saint-Yves propõe a forma ideal de Governo a que ele denomina *Sinárquico* — de harmonia com os princípios eternos pretende substituir a oposição entre poder e Autoridade pela síntese dos dois. Para acabar com o estado em que se encontrava a Europa do seu tempo, que considerava uma anarquia, propõe a *Sinarquia*, afirmando: *Há que se constituir – acima das nossas nações, dos nossos governos, qualquer que seja a forma – um governo geral, puramente científico, emanado das nossas próprias nações, que consagre tudo o que constitui a sua vida interior.* (Grifo meu). Logo, o entendimento de Saint-Yves era de que a Sinarquia era o contrário da anarquia. *A Sinarquia – escreveu Saint-Yves – é um terreno de conciliação, assim como de salvação social em cada nação e entre todas.* Se assim é, esta é uma razão mais do que suficiente para que ela sofra todos os tipos de ataques. Como, de fato, sofreu. Mas, que Governo, que Estado, hoje, pergunto eu, pode ter interesse em implantar um Governo Sinárquico? Também

não adiantaria nada implantar um Governo dessa natureza em um país ou em meia dúzia de países; a Unidade não pode ser fracionada e nem poderá funcionar aos pedaços. O Positivismo, em todas as suas expressões, autoritárias e totalitárias, também não deu certo por isso. Porém, ditadura, republicana ou outra qualquer, não. Nunca.

Farei um breve parêntese aqui. Mais ou menos cinquenta anos antes de Saint-Yves, o idealista-visionário Isidore Marie Auguste François Xavier Comte (1798-1857) – fundador e pai do Positivismo e da Sociologia – especulou nessa mesma direção, ainda que com outras ferramentas e com um ideário político-ideológico inteiramente distinto de Saint-Yves. O Positivismo comtiano, que tem por base a *Lei dos Três Estados*, foi estruturado e inspirado nos trabalhos do cientista político, matemático e filósofo francês Marie-Jean-Antoine-Nicolas Caritat (1743–1794), mais conhecido por marquês de Condorcet, ou simplesmente Condorcet. Baseando-se no pensamento de Condorcet (e também de Claude-Henri de Rouvroy, Conde de Saint-Simon, 1760-1825, filósofo e economista francês, crítico do Iluminismo e teórico do socialismo utópico), Comte formulou a *Lei dos Três Estados*, que é a espinha dorsal do seu sistema. Segundo Comte, pela própria natureza do espírito humano, cada ramo de nossos conhecimentos está necessariamente sujeito, em sua marcha, a passar, sucessivamente, por três estados teóricos diferentes: *o estado teológico ou fictício; o estado metafísico ou abstrato; e, por fim, o estado científico ou positivo. No primeiro [o estado teológico ou fictício], os fatos observados são explicados pelo sobrenatural, ou seja, as idéias baseadas no sobrenatural são usadas como ciência. Ainda nesta fase, a sociedade se encontra em uma estrutura militar fundamentada na propriedade e na exploração do solo. No segundo [o estado metafísico ou abstrato], já se encontram as idéias naturais, mas ainda há a presença do sobrenatural nas ciências. A indústria já se expandiu mas não totalmente, e a sociedade já não é francamente militar. Pode-se dizer que este estado serve apenas de estágio intermediário entre o primeiro e o terceiro. No terceiro [o estado científico ou positivo], ocorre o*

*apogeu do que os dois anteriores prepararam progressivamente. Neste, os fatos são explicados segundo leis gerais de ordem inteiramente positiva [ou científica]. A indústria torna-se preponderante tendo como atividade única e permanente a produção. Entretanto, não se deve pensar que os três estados representem etapas nítidas e delimitadas pelas quais a Humanidade tenha percorrido. O sentido desta Lei, segundo o próprio Comte, é o de que são as diversas manifestações intelectuais que passam por essas três etapas, separadamente, e em momentos diversos para cada uma delas. A própria evolução, que caracteriza a caminhada ascendente da Humanidade, não se faz por uma linha reta. Compõe-se, segundo o Filósofo de Montpellier, de uma série de oscilações progressivas comparáveis às que apresenta o mecanismo de locomoção. Assim, no estado ou época religiosa o homem procura dar explicações para os fenômenos recorrendo a causas sobrenaturais; metafisicamente (mas de vertente teológica) explica os mesmos fenômenos recorrendo a princípios recônditos incomprovados; e apenas no estado positivo ou científico se esforça para explicar os mesmos fenômenos por meio das leis naturais que, por si só, são auto-explicáveis. O próprio Comte perguntou: *Quem de nós não recorda, refletindo em sua própria história, que foi sucessivamente, com respeito às noções mais importantes, 'teólogo' na infância, 'metafísico' na juventude e 'físico' na idade adulta?* Bem, não posso deixar de concordar-discordar de Comte quanto a este exemplo. Ora, há uma imensa massa de pessoas que alcançam a idade adulta (e até prolecta), cientistas inclusive, que continuam a viver naquilo que o filósofo categorizou de estado teológico. Misturam, enfim, teologia com ciência de uma forma inverossímil, bizarra, estapafúrdia e caricata. Alguns chegam até a matar (e/ou mandar matar) em nome de um presumido e suposto deus, na esperança de serem recompensados, de alguma forma, por esses atos. E quanto ao estado metafísico, é preciso que se faça uma substantiva distinção. Há dois tipos básicos de Metafísica: um de cariz eminentemente religioso e teológico; outro estritamente Místico e Iniciático superior à própria ciência, pois é a própria Ciência. Se assim é, os*

estados teológico e metafísico-teológico são variações de um mesmo estado caracterizado pela ignorância e pelos sentimentos desfavoráveis formados *a priori*, isto é, pelo preconceito obliterante. A Metafísica Iniciática não pode ser inserida nesse saco de gatos, e o pensamento de Saint-Yves, por exemplo, é de outra cepa e está estruturado e ancorado em outras fontes.

Voltando a Saint-Yves, curiosamente, a *Missão dos Soberanos* apresentou-se como uma obra anônima. A crítica virulenta ao papado e a feroz análise do reino de Napoleão fizeram com que a obra fosse atribuída aos soberanos protestantes da Europa do Norte. Julgaram-na até de autoria do Rei da Suécia.

A *Missão dos Operários*, publicada quase ao mesmo tempo, vinha assinada por Saint-Yves, o que esclareceu os especuladores. Esta nova *Missão* teve um sucesso imediato e foi editada quatro vezes e ainda hoje pode ser lida com interesse. Em suas críticas, denuncia o Estado enquanto oligarquia incompetente em matéria econômica enquanto, simultaneamente, é despótico e impotente. Acreditava Saint-Yves que a política da época não era uma ciência, mas, sim, um empirismo colocado simplesmente a serviço dos próprios interesses dos políticos. Para isso combater, preconizava a solução *sinárquica* através de conselhos e de câmaras ternárias.

A *Missão dos Judeus*, publicada em 1884, é considerada a obra-prima de Saint-Yves. Nela ele exhibe maior erudição, e põe em evidência aquilo que levou à usurpação da Autoridade pelo poder, isto é, a um tipo de cesarismo (sistema de governo em que uma só pessoa controla o poder e que exalta a autoridade de um chefe). Dedicou-se aos sábios talmudistas, aos cabalistas e aos essênios. Nesta *Missão*, trata do período da Antigüidade até a dispersão dos judeus no século II da nossa Era. Também faz incursões na história moderna e considerações de ordem geral, constatando e explicando historicamente o divórcio da Autoridade e do poder, e conclui, como era de esperar, com o advento da *Sinarquia*, vinte vezes tentada, sempre traída, mas impondo-se finalmente. Nesta obra, Saint-Yves quis abarcar tudo: explica os mistérios das quatro

ordens da Ciência: Fisiogonia, Cosmogonia, Androgonia e Teogonia. Defende a teoria de que os antigos já possuíam os conhecimentos que temos hoje: eletricidade, fotografia, ótica, mineralogia, química, magnetismo, telegrafia, fisiologia, astronomia e outros. Disserta sobre a diversidade das raças humanas, dos druidas, do Ciclo de Ram, de Moisés, de Zaratustra, do Faraó Amon, de Jesus, de Nabucodonosor, das instituições do Império Romano e até da Ordem dos Templários, que julgava ser um dos únicos centros cristãos que se dedicou a uma reflexão profunda sobre a organização do mundo. Esta obra volumosa é a melhor exposição da *Sinarquia* histórica e assinala também a passagem de Saint-Yves para o Iluminismo, o que será concretizado nas suas obras seguintes. A *Missão dos Judeus* falava também do Oriente e do Extremo Oriente, da China, da Índia, do Japão e, essencialmente, de territórios referidos na Bíblia.

La France Vraie, escrita em 1887, em 22 volumes, era baseada nos Arcanos maiores do *Tarô*, que completaram a sua teoria. Ele foi também um continuador de Fabre d'Olivet, reescrevendo, como ele, a história humana a partir dos mitos e das etimologias.

Saint-Yves conheceu, em 1887, um sábio indiano, o Príncipe Hardjij Scharriff, de Bombaim, que foi à Paris para visitá-lo. Nada transpirou acerca desse misterioso personagem e do encontro em si, além daquilo que conta o próprio Saint-Yves. Segundo este, o Príncipe fora mandado pelo Governo Mundial Oculto e tinha por missão revelar-lhe a existência de um mundo desconhecido: *AGaRTha*, que seria uma Cidade Iniciática subterrânea onde estaria a Igreja Primitiva conservada e intacta, e um centro científico moderno possuidor de todas as ciências espirituais, uma vez que lá estariam armazenados, há séculos, todos conhecimentos universais. Sua situação geográfica era um segredo que Saint-Yves não revelou. Deserto de Gobi ao norte da China e ao sul da Mongólia? Talvez fosse uma alegoria ou um simbolismo. Talvez! Após este acontecimento, Saint-Yves iniciou, no mesmo ano, a redação da sua *Missão da Índia na Europa*, que tinha a seguinte dedicatória: *Ao Soberano Pontífice que porta a Tiara de Sete*

Coroas, ao 'Brâhatmah' atual da antiga Paradesa metropolitana do Ciclo do Cordeiro e do Carneiro.

Na *Missão da Índia*, pede à *AGaRTha* (Governo constituído de uma Sinarquia Universal, segundo o Sacerdócio de Melki-Tsedek, inatingível pela violência e inacessível à anarquia) que se revele. Saint-Yves foi o primeiro místico a mencionar a Cidade Agarthiana, cuja capital ou sede é *Shamballah* (denominada *Shangri-La* por algumas tradições orientais), tendo sido, também, o primeiro a falar nos arquivos ocultos desse lugar extraordinário – cujo hierograma sânscrito é *AGaRTha* – com toda a história da Humanidade, como admite e recordou recentemente Mário Willmersdorf Jr., Grão-Comendador para o Brasil da Ordem Soberana do Templo Iniciático – OSTI. A obra é também de caráter profético, e nela diz aos europeus: *Se não realizardes a Sinarquia, vejo a vossa civilização judaico-cristã eclipsada dentro de um século, a vossa supremacia brutal para sempre aniquilada por um renascimento incrível da Ásia inteira, ressuscitada, de pé, sábia e armada dos pés a cabeça.* Em um certo sentido essa profecia está se cumprindo (2006). Esclarece, ainda, que esta Ásia, a quem não soubemos dar a mão, teria projetos de justiça, e que os cumpriria sem nós e contra a nossa vontade as promessas sociais dos abramidas, de Moisés, de Cristo e de todos os cabalistas cristãos. O remédio que ele propunha era a *Sinarquia*, lei histórica da Humanidade e já demonstrada nas *Missões* precedentes.

Conforme foi mencionado no início do parágrafo anterior, a *Sinarquia* representa e simboliza um Governo baseado na Unidade, e, obviamente, pela Unidade e para a Unidade. Por isso, ao longo do tempo, os regimes republicanos – democráticos ou autoritários – monárquicos, teocráticos, totalitários, de centro, de esquerda, de direita etc. que, de uma forma ou de outra, se inspiraram canhestamente no modelo sinárquico, nunca deram certo e jamais poderão dar certo, simplesmente porque nunca foram e continuam não sendo estruturados no amor impessoal, na equidade, na fraternidade e na justiça – no Somos Todos Um; o que esses regimes mais abominam é a idéia de Unidade mesma.

Como professor, sublinho o fato de que, primordialmente, tudo depende da educação dos povos. Um ser humano deseducado é, acima de tudo, um ser humano preconceituoso. Isso significa que um povo desescolarizado tenderá para o barbarismo. Isso não impõe, absolutamente, que uma pessoa culta seja sempre, em todas as questões, imparcial; aliás, há uma multidão de pessoas instruídas e preparadas que são abominavelmente preconceituosas e bárbaras. Mas, sem dúvida, o processo de ensino-aprendizagem (que pode ser efetivado de maneira presencial, não-presencial ou mista) diminui muito as opiniões e os sentimentos formados *a priori* – quer favoráveis, quer desfavoráveis – e concebidos sem um exame crítico, que geralmente sacrificam a busca da verdade em função de considerações particulares, fideístas ou presumidamente racionais, mas, principalmente, ancorados no egoísmo e em falsos valores. Um Governo Sinárquico não poderá prevalecer enquanto essas coisas preponderarem.

Saint-Yves, à certa altura, confessou que talvez viessem a tomá-lo por louco ou por mistificador; mas para além da letra, todos os seus textos encerram uma mensagem que veio a ser confirmada em muitos pontos, escrita que foi há mais de cem anos. Como avaleiei um pouco mais acima, em um certo sentido, suas profecias estão se cumprindo à risca. Mas, como também escrevi na introdução, a Humanidade não está só nem desacompanhada, e as forças das trevas não prevalecerão sobre ela. Só se ela deixar; só se ela quiser.

Contudo, ignora-se efetivamente porque Saint-Yves mandou destruir a sua *Missão na Índia* logo após sua publicação. Apresentou como justificativa o fato de as autoridades superiores lhe haverem ordenado que não divulgasse certos segredos, por serem muito perigosos. Outros admitem que foi ameaçado. Porém, escapou um exemplar que ficou com Alexandre Keller, um filho do primeiro casamento de sua esposa – a condessa Keller. Logo após a morte de Saint-Yves esse exemplar foi entregue ao editor Dorbon Ainé, que, em 1910, publicou-o novamente. Entretanto, durante a ocupação alemã na França, na Segunda Guerra Mundial, os nazistas mandaram procurar todos os exemplares e os

destruíram. Isto foi incompreensível, uma vez que a obra não era ameaça para ninguém. Teria a determinação para destruir a *Missão na Índia* vindo diretamente da Ordem de Thule? Acho que isso não se saberá tão cedo.

De qualquer forma, Saint-Yves propugnou: *Tudo pela Sinarquia; nada pela anarquia. Agartha! Em certas regiões do Himalaia [querendo os Irmãos das Sombras ou não], entre 22 Templos que representam os 22 Arcanos de Hermes e as 22 Letras de certos Alfabetos Sagrados, Agartha forma o Zero Místico, o impossível de encontrar. O território sagrado de Agartha é independente, sinarquicamente organizado e composto de uma população que se eleva a um número perto de vinte milhões de almas.* Em Agartha, os direitos universitários e sociais da mulher são os mesmos dos homens; não se pratica o ascetismo; todos se abstêm de carne e de licores fermentados; o Sacerdócio não é hereditário, mas conquistado pela Lei comum do Exame; não há prisões; a pena de morte não é aplicada; o policiamento é feito pelos pais de família; os delitos são deferidos aos Iniciados; e a reparação voluntária segue imediatamente o dano. Em Agartha, é rejeitada toda e qualquer impureza intelectual e/ou moral; é rejeitada toda e qualquer intolerância; é rejeitada toda e qualquer política; é rejeitada toda e qualquer superstição; é rejeitada toda e qualquer idolatria; é rejeitada toda e qualquer magia negra; é rejeitado todo e qualquer dogma; é rejeitado todo e qualquer pensamento arbitrário; e é rejeitada toda e qualquer vontade arbitrária. Em Agartha ciência e religião são uma coisa só, e *a oração – como escreveu Saint-Yves – une em um mesmo Amor e em uma mesma Sabedoria todos os cultos que preparam na Humanidade as condições para seu retorno cíclico à Lei Divina de sua organização.* Em ilhas que já não mais existem, a Astronomia Sagrada era o estudo de predileção; havia sete caracteres de escrita, cada um com quatro posições, o que elevava suas letras a vinte e oito; a escrita era no sentido vertical; viviam por aproximadamente um século e meio, e passavam consciente e voluntariamente pelo trespasse; nenhuma tradição e nenhuma verdade eram dogmaticamente expostas aos Dwijas. Agartha, como um todo, é

uma imagem fiel do Verbo Eterno através de toda a criação. Em Agarthá, centro sagrado da antiga Paradesa, há um Triunvirato ou Triângulo Supremo que a governa: o Soberano Pontífice, o Brâhatmah, sustento das almas no Espírito de Deus; o Mahâtmâ, representante da Alma Universal; e o Mahanga, símbolo de toda organização material do Cosmos. Segundo Ossendowski, o Mahâtmâ conhece todos os acontecimentos futuros e o Mahanga dirige as causas desses mesmos acontecimentos. Já o Brâhatmah pode falar com a Divindade face a face. O Mahanga ofereceu ouro ao Menino-Deus e o saudou como Rei; o Mahâtmâ ofereceu-Lhe incenso e o saudou como Sacerdote; e o Brâhatmah ofereceu-Lhe mirra – o bálsamo da incorruptibilidade.

Por último, segundo consta, foi a alma da mulher de Saint-Yves – a condessa Keller – que lhe inspirou a idéia de escrever o *Arqueômetro*, o instrumento de precisão das altas ciências e das artes correspondentes, o seu transferidor cosmométrico, a sua bitola cosmológica, o seu regulador e o seu revelador homológico. O *Arqueômetro* deveria assegurar a arquitecna — síntese das possibilidades religiosas, científicas e estéticas do homem. Este instrumento é um círculo dividido em zonas concêntricas e em triângulos, onde letras do hebraico, do sânscrito e do vattan, números, notas musicais, cores e sinais astrológicos formam combinações que permitiriam aos músicos, pintores, arquitetos e poetas fazer criações exprimindo o ideal perfeito de uma Humanidade perfeita. Nele, Saint-Yves explicou a forma de realizar a estrutura musical de uma catedral ou a arquitetura falante de um canto. Esta obra, que o consagrou, era precedida de uma androgonia, a história da formação do homem. Foi originariamente publicada em 1911. Saint-Yves obteve a patente de invenção do *Arqueômetro* em 26 de junho de 1903. Por fim, de maneira inovadora, o *Arqueômetro* ressalta a dupla influência céltico-druida e judaico-cristã na civilização européia, apresentando a *chave de todas as religiões e de todas as ciências da Antigüidade* e sugerindo uma *reforma sintética de todas as artes contemporâneas*. É interessante recordar que Saint-Yves D'Aveydre, no seu *Arqueômetro* (ARKA = Sol, revelação dos

Mistérios Cósmicos pelo *Verbum Dimissum et Inenarrabile*; *MAeTRA* = Medida-Mãe Vivente no *Verbum*, Sinal do Dom Divino — *AThMa* + *AMaTh* + *ThaMA*), ensinou que a Letra *M* (*MeM*) é uma vogal interna, improferível, porém, que pode ser percebida no interior do corpo, como o ruído do mar ouvido em uma concha marinha, se se fechar hermeticamente a boca, as narinas e os ouvidos sem respirar. Este exercício bramânico, segundo o Autor do *Arqueômetro*, produz um empuxo (influxo) vital regenerador da Glândula Pineal para todas as extremidades do corpo.

BIBLIOGRAFIA

SAINT-YVES D'ALVEYDRE. *El Arqueómetro/L'Archéomètre*. 2ª ed. Traduzido por Manuel Algora Corbí. España: Editorial Humanitas, S. L., 1997.

_____. *Missão da Índia na Europa, Missão da Europa na Ásia, a questão do Mahatma e sua solução*. São Paulo: madras. 2005.

NOTA DO EDITOR: (*) O Professor Dr. Rodolfo Domenico Pizzinga é Doutor em Filosofia, Mestre em Educação, Professor de Química, Membro da Ordem de Maat, Iniciado do Sétimo Grau do Faraó, Membro dos Iluminados de Kemet, Membro da Ordem Rosacruz AMORC e Membro da Tradicional Ordem Martinista. É autor de dezenas de monografias, ensaios e artigos sobre Metafísica Rosacruz. Seu web site pessoal é: <http://paxprofundis.org>

**Visite o Site Oficial dos Iluminados de Khem, que disponibiliza Monografias
Públicas para a Nova Era Mental:**

http://svmmvmbonvm.org/aum_muh.html